

RELATÓRIO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CRONICÁRIO ILHÉU - Um retrato de sete cronistas que amam Florianópolis

Deluana Buss

Março de 1999

Objetivo

Mostrar, através de um retrato, quem são e como escrevem os cronistas da Ilha.

Observação: É importante lembrar que retratos mudam de pessoa para pessoa, e que diferentes enquadramentos podem e devem mostrar nuances diferentes de cada um. Por isso, cada escritor é tratado de maneira diferente. Afinal, eles são pessoas diferentes e me passaram impressões diferentes, que sempre aparecem na hora de escrever o texto, ou desenhar o retrato.

A escolha

Conversei com meu pai sobre o assunto, e ele me disse quem eram nossos cronistas - afinal, conhecia-os todos. Inicialmente faziam parte da lista alguns que já faleceram, como o Holdemar Menezes e o Silveira Júnior, mas como decidi que iria entrevistar todos, eles foram descartados. No mais, achei sete um bom número.

Fontes

Os cronistas e os livros - deles e sobre eles.

A busca dos livros

A minha primeira busca pelos livros ocorreu na Biblioteca Universitária, o que me deixou meio desarvorada. Existiam muitas obras desses escritores, mas sempre faltava alguma, normalmente as publicações mais recentes. A solução foi recorrer à Professora Regina e à biblioteca do meu pai. Deu certo. Essa foi na verdade a primeira parte do meu trabalho. Queria ter uma boa base para poder entrevistar meus cronistas sem passar vergonha.

A leitura das crônicas

A parte mais demorada e também mais prazerosa do trabalho foi ter que ler centenas de crônicas. Li dias inteiros durante semanas inteiras. Como os estilos eram diferentes (como dá para notar lendo o trabalho), quando cansava de um pulava para outro. Enquanto lia, anotava num caderninho os pontos interessantes para posteriores perguntas: detalhes da infância, preferência por bebidas, lugares visitados. Se queria meditar, lia um pouco do Silveira. Se estava de bom humor, procurava o Flávio. Se queria rir, buscava o detetive do Hamms. Se queria me informar sobre as pessoas da Ilha, lia Aldirio. Claro que sempre tem alguns que você gosta mais do que os outros. Eu sempre gostei muito do Flávio, por achá-lo simples. Não é qualquer um que consegue tirar sorrisos e satisfação das pessoas falando de melancia e vizinhos. Outro ponto interessante é notar que de alguns autores eu nunca tinha lido nada. Hamms, para mim, foi uma revelação. Adorei suas histórias, sempre engraçadas. O Raul se mostrou uma boa fonte de conhecimento ilhéu. As expressões manezinhas do meu trabalho vieram dele. Aldirio e Sérgio, conhecia do AN e DC. No final, acabei virando uma leitora contumaz de todos, e penso que são todos indispensáveis para Florianópolis.

Marcando entrevistas

Foi no mínimo engraçado. Meu pai me forneceu alguns telefones que não constavam na lista da Telesc, e comecei então a fazer os primeiros contatos. Explicava que era para um trabalho de

conclusão de curso, então eu sentia que eles pensavam: Ihhhh...Estudante... Me propus a, em todas as entrevistas, só dizer que era filha de um escritor amigo deles no final, para observar como eu me sairia se não fosse filha de um pai famoso no meio literário catarinense. Só não funcionou com o Flávio, que eu já conhecia aqui de casa, e com o Sérgio. Acho que ele é muito procurado porque é bem conhecido graças ao DC, pois ficou cheio de dedos com o telefonema. Perguntou onde eu havia conseguido o número, pois não constava na lista (havia conseguido com o pai), e daí eu tive que soltar. Nesse momento a conversa mudou de rumo e eu consegui marcar a entrevista num instantinho. Mas a má impressão durou pouco, pois ele me atendeu super bem e foi um dos entrevistados mais falantes e simpáticos. Engraçado também foi com o Júlio. Ele sequer imaginava que eu podia ser parente do pai, que aliás estava com um livro dele. Nem quis acreditar e, simpático como ele só, me chamou de safada por não ter contado isso antes. Nos demais casos, nenhum problema nesse sentido, apenas para conseguir agendar os horários. Com o Hamms, por exemplo, que trabalha numa empresa de marketing, foi difícil, pois ele estava sempre ocupado. Com os demais, como a maioria não faz muita coisa mais do que escrever em casa, foi fácil.

As entrevistas - escrevendo os textos - escolhendo as crônicas

RAUL CALDAS FILHO

Primeiro entrevistado, o que me deixou um pouco nervosa. A dificuldade inicial, por incrível que pareça, foi chegar na sua casa. Eu sempre morri de medo de dirigir em morros, apesar de ter carteira de motorista há quatro anos - não foi por correspondência. E quando ele me contou que morava no Morro do Cruz, quase pedi para ser em outro lugar. Bem, consegui chegar lá numa boa, sem maiores incidentes, e valeu a pena. A casa dele era muito bonita, ele me recebeu fumando charuto e escutando jazz. Achei-o bastante formal durante a entrevista, sempre meio distante. Talvez a culpa fosse um pouco minha também, pois cheguei lá com um monte de perguntas escritas numa folha de papel, e sempre checava para ver se não faltava perguntar algo. As perguntas variavam de questionamentos sobre a infância e adolescência e o amor à Ilha até a maneira de escrever e os planos para o futuro. Na hora de escrever o texto sobre o Raul, acabei cedendo a uma imagem que ele evocou. Até hoje ele é muito ligado a bares, e conta que 90% de todas as piadas de seus livros saíram de lá. Tudo que é falado no texto está ligado a ele, à entrevistas dele: o charuto apagado, o jazz, a cervejinha gelada - a melhor bebida para ele -, o gosto pelo camarão, a crônica. Aproveitei para encaixar a descrição do manezinho no dono do bar, e fechei com uma piada, retirada de um de seus livros. Achei que o formato ficou rápido e leve, como ele disse que deveria ser uma crônica. Os textos escolhidos mostram a espreteza do manezinho, o amor pela Ilha e a simplicidade do povo ilhéu.

JAIR FRANCISCO HAMMS

Segundo entrevistado, tive que desmarcar e remarcar entrevistas com ele diversas vezes. Num desses telefonemas, quando eu pretendia agendar a entrevista para o dia seguinte, ele disse: pode vir agora! Fui. A entrevista seria no trabalho dele, uma empresa de publicidade sediada no centro. Deixei o carro na UFSC e fui de ônibus, para evitar aquela zona no horário de pique - era a hora do rush -, e acabei ficando horas esmagada, em pé, no Expresso. Decidi que dali em diante, onde quer que fossem as próximas entrevistas, iria de carro. Na Artplan Prime ainda fiquei esperando quase meia-hora, até que fui atendida. Lá dentro da salinha do presidente, atendimento de primeira: orientação para a secretária não passar nenhum telefonema, e cafezinho quente. Jair me atendeu bastante bem e foi atencioso. Falou horas sobre seu novo romance, que acabou entrando no seu retrato, e notei um distanciamento das crônicas, afinal fazia décadas que não as escrevia. Nem se lembrava direito de um de seus personagens mais conhecidos, o Domingos Tertuliano Tive. A idéia de fazer seu retrato como um andador veio da explicação dada por ele sobre a maneira de se fazer uma crônica. Ele começou a contar que no dia anterior, quando estava em uma de suas caminhadas diárias, foi interpelado por um homem que não largou mais do seu pé. "Isso daria uma crônica", disse Hamms. Foi o que fiz, só que utilizando detalhes da entrevista e muita conversa, o que é comum nas suas crônicas. Os textos selecionados mostram um manezinho típico com seu curió, o detetive famoso, e o amor à Florianópolis, sua cidade natal.

SÉRGIO DA COSTA RAMOS

Terceiro entrevistado. Como já contei acima, tive certa dificuldade para conseguir encontrá-lo e conseguir marcar entrevista, o que me deixou uma imagem ruim logo desfeita ao primeiro contato ao vivo. Sérgio é de uma inteligência incrível. Sabia de tudo um pouco, tinha um senso de humor afinado, não se perdia no meio de seus vastos comentários. Fiquei horas conversando com ele, na sua casa, no Córrego Grande. Antes de iniciarmos, ele estava navegando na Internet em seu Lep-top, o que já me deixou a impressão de um cronista mundano, viajado, grande leitor. A idéia de fazer uma receita veio quando eu notei que Sérgio, apesar das horas de gravação, tinha se mostrado absolutamente linear em sua entrevista, fornecendo uma receita completa do começo ao fim. O fato de estar escrevendo exatamente neste momento num jornal acabou contribuindo, pois ele sabia na prática e sem ter que pensar muito o que era necessário para se fazer uma boa crônica. Afinal, fazia-as todo dia. As crônicas escolhidas mostram que a Ilha, além de mulher, é maravilhosa, que os políticos rendem boas risadas e que a quebra da lógica realmente gera o humor. Foi o texto que mais gostei, me diverti enquanto fazia e ri um monte depois.

FLÁVIO JOSÉ CARDOZO

Quarto entrevistado. Me recebeu em seu local de trabalho, na Fundação Catarinense de Cultura. Não sei se foi por causa do lugar, ou por eu já conhecê-lo, mas o fato é que foi a entrevista que menos rendeu. Acho que por ele não estar mais escrevendo crônicas, apesar dos diversos livros anos trabalhando com o tema, ficou pouco à vontade. Tentei tirar algumas histórias interessantes de seu passado, mas foi difícil, apesar de eu saber que elas existem. O amor ao manezinho, tão latente nas crônicas, me pareceu esmaecido. Ele se limitou a dizer que a conversa com os nativos era importante para melhor visualização para os leitores. O ponto alto da conversa foi quando ele falou da infância, na terra natal Lauro Müller, e usei essa imagem para abrir o retrato de Flávio. Achei-o, com sinceridade, meio envelhecido, parado, quase um vovô. Os trabalhos selecionados mostram a paixão aos pequenos hábitos, aos pequenos detalhes, às coisas do dia-a-dia, e mostram que ele faz rir com facilidade.

SILVEIRA DE SOUZA

O quinto entrevistado. Sai de sua casinha simples, lá em Coqueiros, quase chorando. Me emocionei muito com a figura miúda dele, o seu jeito de rir, meio triste, e o seu modo de encarar a vida. Parece que ele sente que está chegando ao fim. E isso me deixou profundamente triste. Por não ter conhecido ele antes, por pensar que dali a pouco um cara que já escreveu tanto vai sumir, e que talvez quase ninguém note. Achei que todos os jornais deveriam fazer entrevistas semanalmente com ele para mostrar que ele continuava ali, produzindo. Me emocionou ele contar que não sai mais de casa, que pouca coisa o atrai, a não ser escrever. Como ninguém o vê?!? Como uma pessoa que entende tanto de tanta cultura pode ficar lá, numa casinha de Coqueiros, sentindo que já está se esquecendo de tudo?!? Agora, que estou escrevendo isto, estou chorando. Silveira é o tipo de pessoa que tem muito a ensinar, e o texto que escrevi sobre ele refletiu isso, como também essa tristeza, essa reflexão da vida a que ele está se entregando. As crônicas que escolhi mostram como ele pensa as relações humanas, como vê os sentimentos, como enxerga o passado. São reflexivas, como ele.

ALDÍRIO SIMÕES

O sexto e penúltimo entrevistado. Aldirio me atendeu na Casa do Jornalista, centro da cidade, e a primeira impressão que me deu é que refletia direitinho os maneirinhos de seus textos: falava rápido e pensava rápido. Começou se desculpando que não gostava muito de falar, e daí não parou mais. Ficou claro que não só ama a Ilha como vive a Ilha minuto a minuto. Parece conhecer todos os cantos, todos os personagens, e parece se divertir com as histórias do povo. Falou com amor da infância, da avó bruxa, do crescimento da cidade. Tudo com simplicidade, como são as suas crônicas. De todos os entrevistados, foi o único que nunca frequentou uma universidade, e isso parece facilitar o contato com o povo. Ama esse contato, adora bares, conversas, amizades. O texto que fiz tem o mesmo formato utilizado por Aldirio em seus *Retratos à luz da pomboca*, e as crônicas selecionadas provam a paixão que ele tem pela cidade, pelas histórias de bruxas e pelos personagens.

JÚLIO DE QUEIROZ

Sétimo e último entrevistado. Foi o que mais demorei para entrevistar porque nunca o encontrava em casa. Em compensação, quando o achei, encontrei uma pessoa inesquecível. Tendo a Baía Sul a seus pés, Júlio mora num casarão no Saco dos Limões, e tudo parece ser encantador para ele. No telefone já havia se mostrado uma pessoa espirituosa, impressão que continuou durante toda a entrevista. De conversa fácil, Júlio deu uma verdadeira aula sobre a crônica, artifício que utilizei para escrever o texto sobre ele. Apesar de ser idoso, me impressionou a atualidade de suas idéias, de sua maneira de falar, de suas piadas inteligentes. Júlio falou da morte como “magrela” à espera, disse que os monges o ensinaram muito porque acreditaram que ele daria “alguma coisa”, e lembrou que ainda criança fugia da escola para ir ler na Biblioteca Municipal. Confesso que até hoje sinto vontade de ir à sua casa comer chá com biscoitos e conversar sobre a vida. Suas crônicas mostram um jeito requintado de descrever as belezas da Ilha, de fazer reflexões sobre a humanidade, de lembrar o passado.

Decupagem

Todas as entrevistas foram gravadas, o que me livrou do incômodo de ter que ficar anotando tudo e me trouxe mais precisão na hora de escrever os textos. Em compensação me custaram horas de serviço no momento da decupagem. Alguns cronistas, como o Silveira, falavam muito baixinho. Outros, como o Aldirio, muito rápido.

A ordem no Cronicário

Inicialmente pensei em colocá-los em ordem alfabética, mas analisei melhor e achei que a solução ideal seria respeitar o conhecimento popular que diz que “os mais velhos vêm primeiro”.

Dificuldades

Trabalhando pela manhã e almoço no jornal O Estado e à tarde na Apufsc, tive que dividir meu tempo também com os preparativos do meu casamento, marcado para logo. Acabei deixando para começar o trabalho - parte de entrevistas - muito em cima da hora, o que acabou por prejudicar o trabalho de orientação. Na Apufsc faltei muitas tardes, e também passei muitas noites sem dormir escrevendo o Cronicário.

Conclusão

Ao terminar o trabalho, e até mesmo antes disso, já me sentia completamente apaixonada por nossos cronistas. Até minha mãe notou que a cada entrevista, eu dizia que a última tinha sido a melhor. O fato é que adorei todos eles, cada um por sua maneira diferente de ser. Admito que talvez não dê certo, mas o trabalho me levou a pensar seriamente em começar a escrever. Gostaria de tentar mexer com as palavras e conseguir bons resultados como eles. Até para isso tirei uma lição deles. É sempre bom ler muito, e de tudo. E é preciso amar. Amar o lugar onde se mora, as pessoas com quem se vive. É preciso saber curtir a vida. Acho que com o Cronicário Ilhéu atingi o objetivo de mostrar quem são e como escrevem nossos cronistas. Espero que tenham se divertido.